

Cultura A feira de arte contemporânea está de volta a Lisboa

Com mais galerias africanas, ArcoLisboa procura transcender o espaço da lusofonia

Dezenas de artistas africanos e afrodescendentes trazem uma actualíssima nova figuração à feira de arte contemporânea, que no seu 5.º aniversário tenta estabilizar a sua identidade

Isabel Salema Texto
Nuno Ferreira Santos Fotografia

Há diferenças na cidade, umas mais óbvias do que outras, desde que na última edição da ArcoLisboa, em 2019, teve início uma secção especial dedicada a África, que regressa esta semana com mais galerias.

Duas das galerias angolanas que participaram na primeira África em Foco, a This Is Not a White Cube e a Movart, abriram espaços comerciais em Lisboa. Algumas das mais importantes instituições lisboetas, como a Gulbenkian e o MAAT, têm exposições importantes na sua programação dedicadas a artistas afrodescendentes que coincidem com o calendário da feira de arte contemporânea que hoje se inaugura na Cordoaria.

E, no ano passado, recorde-se, estalou uma discussão sem precedentes no espaço público nacional a propósito do concurso organizado pelo Ministério da Cultura que escolheu o representante português na Bienal de Arte de Veneza, depois de a equipa de Grada Kilomba, uma das duas artistas afrodescendentes que concorreram, ter contestado os resultados. A polémica, com repercussões internacionais, teve uma intensidade rara no campo das artes visuais, entre acusações de racismo, e os estilhaços deverão fazer-se sentir por algum tempo.

Este ano, a África em Foco prevê a participação de 27 artistas. Com curadoria da angolana Paula Nascimento, tal como na última edição, regressa com nove galerias num total de 65, mais três do que em 2019, e tem como objectivo dar uma identidade à mais importante feira de arte portuguesa, organizada pela sua congénere espanhola, a ArcoMadrid, em colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa.

Regressam as duas galerias de Luanda que abriram espaços em Lisboa, This Is Not a White Cube e Movart; enquanto a Jahmek, que participava na secção Opening dedicada às jovens galerias, não repete. Volta uma galeria de Maputo (Arte de Gema) e outra de Campala, Uganda

(Afriart). A África do Sul passa a estar representada com duas galerias em vez de uma, o que significa duas entradas novas na secção (Everard Read e Smac), mas já a Momo não regressa. Pela primeira vez, chegam galerias de Paris, 31 Project e 193 Gallery, com a última a trabalhar também em Abidjan (Zimbábue) e inclui-se uma galeria lisboeta, a Insofar, que abriu no ano passado em Marvila e trabalha com artistas angolanos.

“O objectivo da África em Foco é trazer, cada vez mais, galerias e artistas de outras partes do continente africano e com discursos diversos”, explica ao PÚBLICO a curadora. Entre



Objectivo é trazer, cada vez mais, galerias e artistas de outras partes do continente africano

Paula Nascimento
Curadora da África em Foco

os 27 artistas previstos, além dos que vêm do espaço lusófono, há uma dezena de nacionalidades do continente representadas – como o Zimbábue, Costa do Marfim, Namíbia ou Congo, com alguns artistas a fazerem parte da diáspora africana que passa por Portugal. “Mas a tendência natural será abrir a algumas galerias europeias que trabalham especificamente neste contexto”, continua a curadora, comentando a entrada de galerias de fora do continente africano.

Se Paula Nascimento encontra uma diversidade crescente na cena artística lisboeta, nota, porém, “que ela ainda é muito autocentrada”. Além das exposições na Gulbenkian e no MAAT, menciona o trabalho da curadora Filipa Oliveira em Almada, na

Casa da Cerca, onde inaugurou na semana passada uma exposição da artista luso-angolana Ana Silva.

Vestir Memórias de Ana Silva (n. 1969, Angola) mostra o trabalho de uma das poucas artistas mulheres nascidas em Angola nos anos 60 que tem actualmente uma carreira internacional. A partir de fardos que chegam aos mercados africanos com roupa ocidental já usada, a artista explora, numa perspectiva feminista, o bordado como desenho. “São roupas, às vezes de marcas boas, comercializadas a baixo preço, o que faz desaparecer a indústria têxtil local. Mas é tudo estranho, porque estamos a vestir outra vez a roupa das pessoas que já saíram dali”, diz Ana Silva em frente a uma das dez obras apresentadas na primeira individual que faz numa instituição portuguesa.

Como é uma das artistas que participam na Bienal de Dakar de 2022, considerada a mais importante bienal de arte do continente africano, não poderá estar na inauguração da feira de Lisboa – este ano as datas de ambas as feiras são coincidentes. E em Nova Iorque também abrirá por estes dias a edição americana da 1-54, talvez a feira mais importante dedicada à arte africana.

As duas galerias angolanas com novos espaços em Lisboa e que têm *stands* na ArcoLisboa organizaram duas exposições paralelas à feira que mostram artistas africanos e que se inauguram também hoje.

A Movart mostra o trabalho do pintor são-tomense Kwame Sousa (Rua das Amoreiras, 72), numa exposição intitulada *The Empowerment of the Black Man*, com um título que é todo um programa, em que o artista reflete sobre a iconografia africana e a recepção da arte do continente pelo Ocidente. “O empoderamento da arte africana, do que é apresentado como uma nova estética mas que sempre esteve lá, parece estar por todo lado – prémios Pritzker na arquitectura, Nobel da Paz, Leão de Ouro na Bienal de Veneza”, diz Kwame Sousa em frente às suas obras mais recentes no



Fidel Évora no stand da Movart na Cordoaria. É a primeira ArcoLisboa para



Obras da 31 Project, uma das duas galerias que vieram de Paris



This Is Not a White Cube: obras de René Tavares (esq.), Cristiano Mangovo (dir.) e Patrick Bongoy (meio)



o artista nascido em Cabo Verde



portuguesa da galeria, como René Tavares, Luís Damião ou Osvaldo Ferreira, a exposição procura romper com a artificialidade da fronteira lusófona, como nos explica Graça Rodrigues, uma das curadoras portuguesas e directora artística da galeria. “Com a experiência da galeria em Angola, há toda uma visão diferente que se abre sobre os países africanos no espaço internacional para a qual Portugal não está hoje ainda preparado. A ArcoLisboa, com o foco em África, veio um bocadinho tardiamente cobrir essa realidade, já por arrasto do que se passa no espaço internacional. Mas fê-lo, mesmo assim, de uma forma positiva, porque trouxe a Paula Nascimento, uma curadora do espaço internacional muito conectada com as comunidades nos vários territórios.” É importante, volta a sublinhar a curadora, “transcender o espaço da lusofonia”, trazendo outros artistas, outras linguagens, numa exposição onde podemos encontrar também obras de artistas como Kudzanai Chiurai (Zimbabwe) ou Patrick Bongoy (Congo), mas também trabalhos das jovens portuguesas Susana Cereja ou Vanessa Barragão.

“Devia ser só arte”

No *stand* da Movart na Cordoaria, numa feira onde ontem de manhã já era possível ver alguns *stands* montados, Fidel Évora desembulhava os seus “auto-retratos falsos”, que misturam serigrafia e pintura, perto das pinturas coloridas de Kwame Sousa. Nascido em Cabo Verde e com atelier no Barreiro, esta é a sua primeira ArcoLisboa: “Acho positivo [o foco em África]. Só tenho pena que tenha de ser um foco, devia ser só arte. Mas tem de ser assim para as coisas se poderem nivelar. A arte em geral está muito centrada no que se faz na Europa e nos EUA.”

No programa geral das galerias, num primeiro olhar rápido, era possível descortinar também artistas afrodescendentes e africanos: Carlos Bunga (Vera Cortês), Adam Pendleton (Pedro Cera), Mónica de Miranda e Joël Andrianomearisoa (Sabrina Amrani).

Numa base de dados internacional dedicada a artistas afrodescendentes e à pós-memória, que o investigador António Pinto Ribeiro, curador da exposição *Europa Oxalá*, actualmente na Gulbenkian, organiza há mais de três anos no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra já foram identificados em Portugal 116 artistas, dos quais 26 vêm da área das artes visuais. Um *work in progress*, com tendência “a aumentar bastante com as actualizações”, afirma Pinto Ribeiro, porque “esta produção em Portugal começa a sério só na primeira década deste século”.

A inauguração da feira de arte contemporânea é hoje (17h30), mas a abertura ao público será só amanhã (12h). A ArcoLisboa dura até domingo.

Montagem da primeira ArcoLisboa pós-pandemia

O regresso faz-se sem máscara e com *frisson*

Isabel Salema Texto
Nuno Ferreira Santos Fotografia

Entre escadotes e aspiradores, já era possível entrever durante a montagem da ArcoLisboa o efeito de algumas novidades introduzidas na maior feira de arte contemporânea portuguesa, que é hoje inaugurada na Cordoaria pelo presidente da Câmara de Lisboa, Carlos Moedas, e abrirá amanhã ao público. As 65 galerias de 14 países que se juntam até domingo na edição que marca o 5.º aniversário da ArcoLisboa só podem mostrar até seis artistas.

Um artista por cada dez metros quadrados são as regras de uma feira que se quer mais limpa, decidiu o comité de selecção e a direcção da feira, nas mãos de Maribel López, também directora da ArcoMadrid. A ArcoLisboa, tal como nos anos anteriores, volta a ser organizada pelo Ifema, responsável pelo evento espanhol, juntamente com a Câmara Municipal de Lisboa.

A feira tem “uma leitura mais feliz”, porque os diálogos entre os artistas tornam-se mais efectivos, argumenta Bruno Múrias, que faz parte do comité de selecção e que apresenta no seu *stand* apenas dois artistas. Uma feira ibérica que se quer mais internacional – a grande maioria das 43 galerias presentes no programa geral são portuguesas e espanholas (há apenas seis presenças de fora da Península Ibérica) – tem de fazer este caminho em direcção à consistência. “É mais entusiasmante fazer a feira quando se está num contexto com uma proposta mais curada do que numa feira onde não existem regras. Para conseguirmos trazer mais galerias internacionais consagradas, é mesmo só pela qualidade.”

Com as mais importantes galerias portuguesas e muitos dos nomes históricos espanhóis presentes no programa geral, esta é a primeira ArcoLisboa pós-pandemia depois de dois anos de ausência. “Temos todas as condições para fazer uma boa feira. É a primeira sem máscara e para a sua dimensão, sendo praticamente uma feira ibérica, tem uma boa selecção”, diz a galerista Vera Cortês, que apresenta um *stand* com seis artistas. “O programa de colecionadores estrangeiros está muito bom. Estava há pouco tempo na feira de Bruxelas [Art Brussels] e uma em cada dez pessoas dizia que vinha a Lisboa entre a Arco e Agosto. O ambiente em Portugal nas galerias está bastante activo.”

O artista português José Pedro

Croft, a montar uma escultura na galeria espanhola Helga de Alvear, resumia o entusiasmo do regresso numa palavra: “*Frisson*.” Não é só por ser a primeira ArcoLisboa pós-pandemia, mas também porque estes dois anos vieram reforçar a presença de muita gente ligada ao mundo e ao mercado de arte que passaram a fazer de Lisboa a sua morada.

A feira organiza-se igualmente em redor de duas secções especiais, África em Foco, dedicado às galerias

do continente africano que vai na segunda edição, e Opening, que junta as galerias mais jovens. O programa dedicado a África, com curadoria da angolana Paula Nascimento, junta nove galerias, provenientes de Angola, Moçambique, África do Sul, Uganda, Portugal e França. Já a secção Opening tem uma selecção feita pela luso-brasileira Luiza Teixeira de Freitas e pela espanhola Chuz Martínez. Com 13 galerias, quatro de Espanha e quatro de Portugal, conta também com presenças da Geórgia, França, Irão e Bélgica.

A feira tem ainda um programa de conferências, organizado pela curadora Filipa Oliveira, que começa amanhã no Torreão Nascente. É aqui que também se localiza o Arts-Libris, o espaço dedicado a edições de arte e revistas que conta com 31 expositores. Depois de amanhã, das 17h às 20h, a entrada na feira é gratuita para jovens dos 18 aos 25 anos, outra das novidades deste 5.º aniversário.

As 65 galerias de 14 países que se juntam até domingo na edição que marca o 5.º aniversário, só podem mostrar até seis artistas



Montagem dos stands: Galeria Fernando Santos



Maribel López, também directora da ArcoMadrid

espaço das Amoreiras que, tal como as pinturas que podemos ver no *stand* da feira, isolam um corpo masculino negro no primeiro plano da pintura. “Mas este empoderamento ainda não é a revolução...”, ironiza, “porque ainda é o Ocidente com a sua ideologia que tem escolhido onde está o verdadeiro empoderamento.”

No Palas Castilho (Rua Castilho, 3), onde hoje terá lugar um *cocktail* para galeristas e colecionadores, está uma ambiciosa exposição colectiva que se espalha por quatro andares com 90 obras de 48 artistas produzida pela *This Is Not a White Cube*. Intitulada *(Im)materiality*, posiciona-se, como o nome indica, nos antípodas de uma arte mais conceptual, com uma forte tradição na cena lisboeta. Se alguns dos artistas estão ligados aos países africanos de expressão